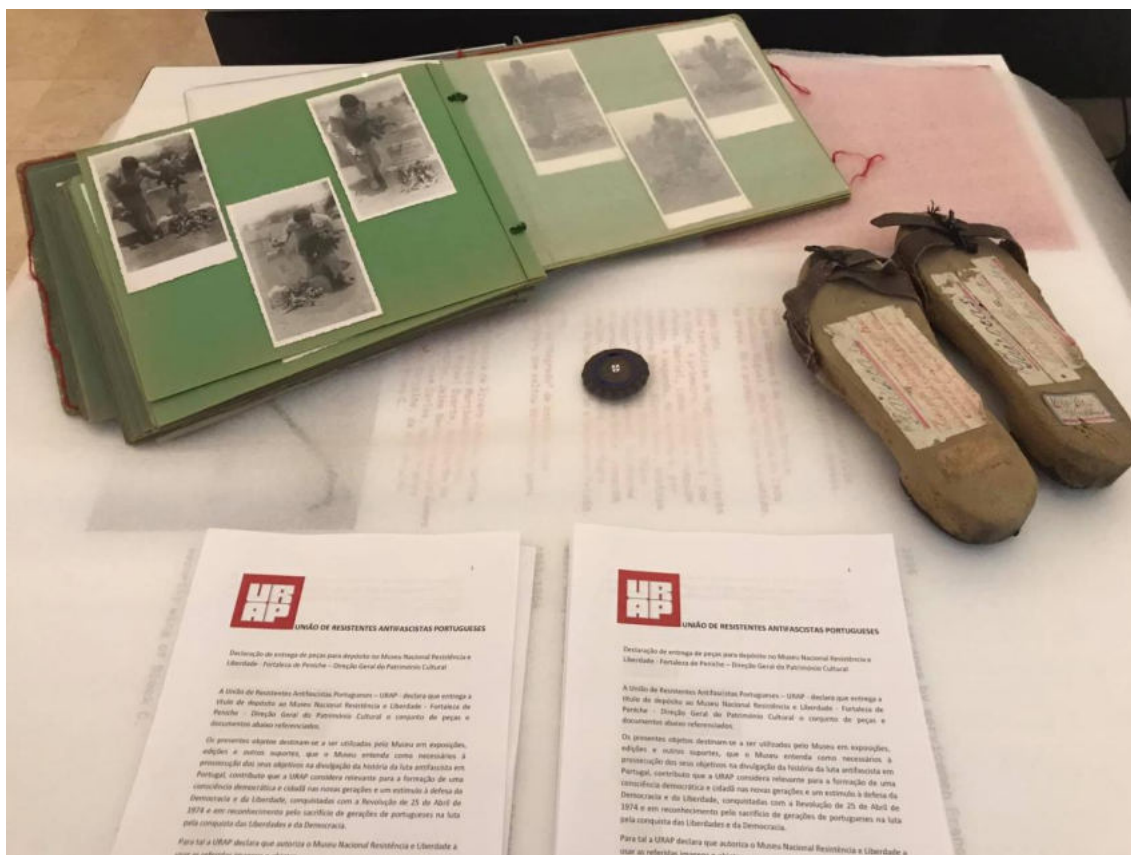


HERCULANA CARVALHO – uma mãe coragem

Rosalina Carmona



Resumo

A URAP entregou ao Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche, um conjunto de peças de grande significado composto de documentos, objetos e testemunhos, na sua grande maioria pertencentes a antigos presos políticos do Campo de Concentração do Tarrafal. Neste conjunto o que mais impressiona, pelas emoções que desencadeia, é um álbum de fotografias realizadas quando Herculana Carvalho, mãe do prisioneiro Guilherme da Costa Carvalho, num gesto de extraordinária coragem e resistência desafiou o regime fascista e foi visitar o filho ao Campo de Concentração do Tarrafal. Herculana Carvalho foi a única visita que os prisioneiros do Tarrafal alguma vez receberam. No regresso ao continente, junto com o seu companheiro Luís Alves de Carvalho, percorreram o país visitando os familiares dos presos para lhe levar notícias e lembranças dos seus entes queridos enviados por Salazar para o “Campo da Morte Lenta”.

No dia 11 de Maio de 2021 entraram no Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche (MNRL) um conjunto de bens culturais, entregues pela União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), ao abrigo do Protocolo de Cooperação existente entre as duas entidades. Trata-se de um conjunto de 11 peças, documentos, objetos e testemunhos muito significativos, que serão inventariados e estudados pelo MNRL a fim de integrar o seu acervo e conteúdos, ainda em construção.

Desde logo o que nos salta à vista, pela profundidade das emoções desencadeadas, são alguns objetos pessoais que pertenceram a antigos presos políticos do Campo de Concentração do Tarrafal e um álbum fotográfico.

Tratam-se de peças e utensílios de uso pessoal que os prisioneiros construíram com as suas mãos, tocaram e usaram, como as tairocas de Virgílio Martins ou a caixa de enrolar tabaco, de João Rodrigues da Silva, entre outros. Estes objetos foram trazidos pelos sobreviventes daquela que foi uma das mais hediondas prisões políticas do regime fascista português, designada pelo ‘Estado Novo’ de “Colónia Penal de Cabo Verde”. Mas, neste espólio documental ora entregue ao MNRL, sobremaneira o que nos toca mais intensamente são as imagens de um álbum fotográfico de antigos prisioneiros do Tarrafal e as histórias que lhe estão subjacentes.

Este álbum fala-nos de sofrimento, coragem e heroicidade.

A coragem de uma mãe, Herculana Carvalho, mãe do prisioneiro Guilherme da Costa Carvalho, que sofreu três prisões por motivos políticos tendo passado um total de 16 anos nos cárceres fascistas portugueses, uma parte no Campo de Concentração do Tarrafal.

Guilherme da Costa Carvalho era funcionário clandestino do Partido Comunista Português e foi um dos protagonistas das duas heroicas fugas das cadeias fascistas: estava no grupo de 10 presos evadidos do Forte de Peniche em 3 de Janeiro de 1960, tendo sido capturado pouco depois e preso no Forte de Caxias, de onde voltou a evadir-se com outros companheiros, a 4/12/1961, no carro blindado de Salazar. Voltaria a ser preso pela PIDE em 21/10/1963 durante quase uma década. Foi libertado em 22/11/1972 quando a sua saúde já estava totalmente arruinada. O regime libertou Guilherme Carvalho para não ser acusado de o matar na cadeia. Faleceu pouco tempo depois com 51 anos de idade em casa, a 24/03/1973.



Guilherme da Costa Carvalho, quando estava preso e desterrado no Tarrafal

Na história da resistência ao fascismo, houve milhares de famílias inteiras de resistentes antifascistas que sofreram pesados sacrifícios, desde o sofrimento físico, intelectual, moral e afetivo, até às dificuldades económicas causadas pela prisão de um membro da família. O regime fascista exercia ainda represálias sobre outros elementos da mesma casa, a quem era negado o trabalho, por exemplo.

Uma outra forma de sofrimento e tortura causada aos presos e às famílias, era o isolamento, a ausência e a saudade duramente sentidas, tanto por uns como por outros.

Muito em especial foram as mães que sentiram, viveram e carregaram o mais doloroso dos sentimentos: ver os filhos prisioneiros ou, em não poucos casos, o seu desaparecimento físico através do assassinato, por agentes da polícia política e outros, ao serviço do regime de Salazar e Caetano. Poderíamos citar muitos casos de 'mães

coragem', citaremos de passagem dois: Flora Magro e Maria Rodrigues Pato, para nos deter um pouco mais em Herculana Carvalho.

Flora Magro, num período de 24 anos caminhou diariamente para as masmorras do regime fascista, para visitar o filho José Magro, que passou 21 anos encarcerado. No tempo restante visitou a nora e um genro, igualmente presos políticos. Além de lhe ter morrido uma filha na clandestinidade.

Maria Rodrigues Pato, que durante 25 anos assistiu às prisões de três filhos, entre eles Octávio Pato detido durante 9 anos, e viu ainda serem presas duas noras e três netos.



Álbum fotográfico sobre os presos do Tarrafal. Fotos tiradas por Luís Alves de Carvalho, companheiro de Herculana Carvalho, e outras recolhidas por Herculana a fim de as entregar aos familiares dos presos.

Herculana Carvalho, mãe de Guilherme da Costa Carvalho, com a prisão e degredo do filho para o Tarrafal haveria de tomar uma decisão extraordinária, que marcaria de forma inolvidável e comovente a vida dos prisioneiros e das suas famílias: decidiu que iria visitar o filho ao Tarrafal e foi, e, no regresso, iria levar notícias e entregar as pequenas lembrancinhas feitas pelos presos desterrados no “Campo da Morte Lenta” aos seus familiares.

Podemos imaginar as dificuldades que terão sido levantadas pelo aparelho de estado fascista a Herculana Carvalho e ao seu companheiro, tentando dissuadir esta mãe de realizar um desejo tão simples quanto humano, visitar o seu filho desterrado numa prisão longínqua, no meio do Atlântico, pelo regime de Salazar.

Mas Herculana era uma mulher de ânimo forte e conseguiu chegar ao Tarrafal. Já naquele sinistro campo, do qual mais de três dezenas de antifascistas não saíram com vida, uma das coisas que fez, foi abraçar os prisioneiros todos, um a um. Naquele abraço estavam todas as mães, companheiras e familiares dos desterrados. Ao abraçá-los, Herculana ter-lhes-á dito que era como se abraçasse o filho Guilherme e prometeu ali que iria visitar as suas famílias, levar-lhes notícias e as fotografias.

Esta seria a única visita que alguém, alguma vez, realizou aos prisioneiros e ao Campo de Concentração do Tarrafal. Do ponto de vista da solidariedade, trata-se de um ato extraordinário de Herculana Carvalho e representou um desafio assombroso de resistência ao regime fascista por parte desta mulher lutadora e mãe coragem.



Herculana Carvalho junto à campa de Bento Gonçalves.

Antes de deixar o Tarrafal, foi ao Cemitério do Campo de Concentração, onde depositou flores em cada uma das campas e junto das quais foi fotografada pelo mari-



Herculana no Cemitério do Tarrafal a depositar flores nas campas dos prisioneiros ali sepultados

do, Luís Alves de Carvalho. Com o seu gesto registou para a história um ato de sublime coragem e homenagem aos antifascistas que ali morreram, vítimas de maus tratos, doenças e ausência de assistência médica.

Quando regressou ao continente, Herculana Carvalho encarou a missão da sua vida: visitar todas as famílias daqueles que há longos anos o regime de Salazar condenara ao degredo e enviara para o “Campo da Morte Lenta”. E assim fez.

Durante meses, ela e o companheiro percorreram o país de norte a sul, levando um abraço, uma carta, uma fotografia, uma palavra amiga, às famílias dos antifascistas aprisionados no Tarrafal. Herculana quis ainda fotografar-se com estas famílias e estes registos encontram-se, igualmente, no mesmo álbum.



Família de Joaquim Gomes Casquinha



Família de Hermínio Martins



Família de presos políticos não identificada



Grupo de prisioneiros no Campo de Concentração do Tarrafal



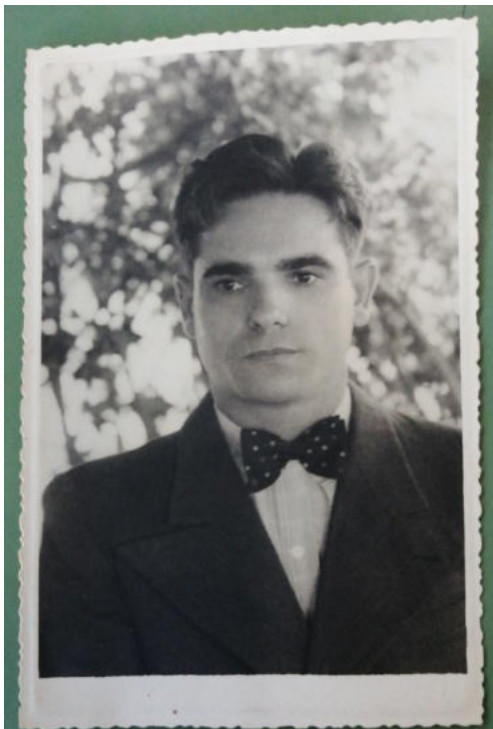
Prisioneiros no Tarrafal. Neste grupo identificam-se Josué Romão, Joaquim Ribeiro (com o macaquinho de estimação), Manuel Amado Santos, António Nunes, Guilherme Carvalho, João Silva Campelo, João Faria Borda.

O percurso destes objetos e documentos que chegaram agora ao Museu conta-nos ainda outras histórias, longas histórias de opressão e resistência, que vêm desde 1936 com a abertura da chamada “Colónia Penal de Cabo Verde” ou “Campo da Morte Lenta”, como ficou tristemente célebre entre os presos políticos desterrados por Salazar para a mais inóspita das ilhas de Cabo Verde.

Histórias que passam ainda pela fundação da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP) em 31 de Dezembro de 1969, formada por antifascistas com intervenção destacada durante a ditadura salazarista e marcelista, que assumiram como missão a denúncia dos crimes da ditadura e prestar auxílio a todos aqueles que, por motivações políticas, eram encarcerados nas prisões fascistas.

Sucessora da CNSPP, a União de Resistentes Antifascistas (URAP), fundada a 30 de Abril de 1976 por um largo número de antigos presos políticos, foi a entidade a quem estes confiaram os objetos que testemunham um dos maiores crimes levados a cabo

pelo regime fascista de Salazar: a criação da “Colónia Penal de Cabo Verde”, Campo de Concentração do Tarrafal.



Estas são fotografias de presos da revolta dos marinheiros (1936) e que fazem parte do álbum referido: Fernando Vicente, Josué Romão, Joaquim Casquinha e Manuel Amado Santos. Alguns como Josué Romão, sendo grumetes teriam 15 ou 16 anos quando foram enviados para o Tarrafal, tendo voltado de lá já com mais de 30 de idade e saúde destruída.



Questionamo-nos se tanto sofrimento, o de todas as mães e o de quantos passaram por situação semelhante, poderá alguma vez ser apagado da memória de quem o viveu, ou da família por ele atingida?

Esse parece um sentimento que permanece ainda hoje vivo no seio das famílias dos antigos presos políticos, como ferida que o tempo não sarou

As fotografias aqui reproduzidas são documentos de trabalho de um valor excecional e destinam-se apenas a mostrar a importância do tipo de registos recolhidos por Herculana Carvalho.

Foi graças à coragem desta mãe e mulher extraordinária que, a partir da doação da URAP, estas imagens constituirão um dos acervos mais singulares do Museu Nacional Resistência e Liberdade.

A Herculana Carvalho e todas as 'mães coragem' prestamos a mais sentida e grata das homenagens.

Museu Nacional Resistência e Liberdade

27/05/2021